

11-05-2020

## O especialista, o político e o ignorante

### Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana.  
Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

Vivemos tempos difíceis e temos acompanhado pelos noticiários os acontecimentos que estão provocando uma significativa mudança no modo como as relações sociais vão se estabelecer na sociedade pós-pandemia Covid-19. Nesse contexto tão atípico, a guerra pela informação e comunicação parece ter ganho um protagonismo evidente. De forma particular, o comportamento de uma parte da sociedade que insiste, de maneira habitual, em criar regras próprias de convívio social, como se o isolamento defendido por autoridades sanitárias fosse apenas uma questão de estilo de vida, tem me chamado a atenção. Não é fato incomum presenciarmos indivíduos que insistem em tocar as suas vidas sem compromisso com qualquer herança que não caiba no intervalo efêmero e ridículo de suas próprias experiências. Parece-me que o risível adágio popular “ninguém tem nada a ver com a minha vida”, que em tempos normais servira para motivar alguns a conduzir seus atos privados sem preocupar-se com as pretensiosas fofocas da vila, ganhou as ruas da sociedade brasileira, de modo tão assustador que, atualmente, a independência do outro, tornou-se algo que beira o limite do narcisismo patológico: negar a prática do distanciamento social, no contexto da pandemia que vivemos, no qual o mundo atesta como sendo a mais eficaz arma contra o vírus mortal que assusta a todos nós, parece um sintoma de ignorância ou estupidez. Na narrativa do especialista, que nos últimos anos vinha enfrentando questionamentos inimagináveis e agora recupera o status da sua palavra, ao menos nas mídias televisivas, a saída do caos imposto pelo novo coronavírus é de fato o isolamento, pois a cura é um tempo futuro.

Apoiado em dados, evidências e cálculos fora do alcance popular sobre os perigos de um ser letal que quase ninguém vê e de um sistema de saúde à beira do colapso, o especialista recorre à ciência para convencer a sociedade que parece perdida, desesperada e com problemas maiores do que aqueles causados pelo inimigo invisível, da seriedade do assunto.

O discurso do político, no entanto, utiliza-se da narrativa do especialista para justificar suas ações de gestão e luta para evitar que o frágil sistema de saúde brasileiro mostre uma falência já evidente, mesmo ao custo incalculável pelo cidadão comum.

Seu medo é que a crise crônica da saúde pública, exposta aos sentidos de qualquer observador, perturbe a ordem pública e estrangule o sistema social, pretendo convencer a todos nós que o objetivo do governo não é governar, mas melhorar a sorte da população, suas condições vida e saúde, para então aumentar a sua riqueza. E ao sustentar-se no argumento e na expectativa de vitória no debate, o político pretende estabelecer um governo racional e planejado sem abandonar os já conhecidos vícios e mazelas da política brasileira. Isso, contudo, a um custo, pois não faltam políticos-especialistas que veem nessa crise um quinhão para tirar vantagens do Estado e desfrutar-se das verbas públicas

como se fossem as da própria casa. E de forma mais aguda, o político ignorante vê na pátria amada o objeto do desejo, por meio de um plano econômico e, sobretudo, ideológico, que serve de finalidade para justificar um comportamento condenável mesmo por aqueles que atestam a equivalência dos discursos. O político ignorante apoia-se em evidências unicamente oriundas das próprias convicções. E frente à pandemia, pede o fim do isolamento, pois têm leito garantido, caso venha a ser gravemente contaminado e, se não o for, deve-se ao estilo atlético e saudável de ser. Nada, no entanto, é mais interessante, que a sedução do político ignorante sobre o ignorante político que finge uma ação correta, quando na verdade, quer obter gozo sádico do próprio processo de identificação para construir um perfeito cenário de caos que justifique o fim da democracia e a escalada de um governo oligárquico ou tirânico. E nesse jogo político-afetivo, sob o argumento de evitar maiores prejuízos materiais, prevalecem nesses discursos o cinismo e a satisfação para desqualificar a narrativa do especialista que calcula números surpreendentes de mortes. E de fato, os prejuízos, não apenas materiais, serão bem amargos, tanto para os mais pobres e vulneráveis, que contam apenas com a vantagem de viverem por longa data em um estado de penúria, agora agravado pela pandemia, quanto para aqueles que viviam lutando para não cair na zona de pobreza, miséria ou marginalidade. O fato é que o especialista busca a verdade, ao passo que o político visa o bem comum, diferentemente do ignorante, que busca a si mesmo, pois sabendo que seu discurso não pode ser inteiramente descartado, posto que há coisas que somente a experiência pode revelar, busca razão necessária e suficiente para obter uma narrativa com status de discurso universal. No entanto, quando o assunto é a letalidade de um vírus que a humanidade pouco conhece, principalmente as armas para vencê-lo, mesmo que o político-ignorante convença o cidadão do contrário, ele jamais eliminará com a sua retórica os sintomas do morbo. E de igual fatura, o ignorante-político, que no regozijo da sua limitada experiência, busca convencer o outro que não se trata de um vírus poderoso simplesmente porque não teve a chance, a fortuna ou mesmo o prazer de experimentá-lo.

É apesar de todos essas narrativas terem lugar no mundo, sem a qual a pluralidade seria apenas uma ideia, que é necessário convocar a razão para reconhecê-las no lugar que devem ocupá-las, não apenas para desarmar as armadilhas do político-ignorante, mas também rejeitar o discurso do ignorante-especialista que insiste na produção de notícias falsas que confundem ainda mais uma população assustada sobre a pandemia. E se o especialista se interessa pelo modo ser do outro, seu comportamento e consequências, é fundamental, num gesto de humildade, reconhecê-lo. Do mesmo modo o político que zela pelo interesse comum, fazendo do ponto vista do outro o seu, como determina a experiência democrática.

Quanto ao ignorante, se o assunto é a pandemia, como obter dele algo descolado da sua tirania narcisista?

E se o discurso do outro não é suficiente para convencê-lo que tipo de conhecimento é o melhor combate?

A resposta não está no discurso e, sim, na prática de resistência.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*